

OS FILMES DE VIAGEM DE MANOEL DE OLIVEIRA: DESLOCAMENTOS E ALEGORIAS

Wiliam Pianco¹

Resumo: Apresentaremos uma análise sobre características recorrentes no *corpus* denominado *Filmes de Viagem de Manoel de Oliveira: O sapato de cetim* (1985), *Non, ou a vã glória de mandar* (1990), *Viagem ao princípio do mundo* (1997), *Palavra e utopia* (2000), *Um filme falado* (2003) e *Cristóvão Colombo – o enigma* (2007). Colocaremos em debate o discurso elaborado por esse realizador a partir de duas perspectivas: as narrativas de viagem e a alegoria histórica. A partir de diferentes contextos, buscas, encontros e desencontros existentes nos enredos em questão, debateremos a existência de uma narrativa cinematográfica que se sustenta a partir da relação entre personagens que se encontram em permanentes deslocamentos e a história de Portugal. Propomos refletir em que medida os chamados *Filmes de viagem* podem servir como artifícios para a elaboração de alegorias históricas nos filmes de Manoel de Oliveira.

Palavras-chave: Manoel de Oliveira; Filmes de Viagem; Alegoria Histórica

Contacto: wiliam_pianco@yahoo.com.br

Introdução

A análise dos títulos aqui abordados propõe o discurso elaborado por Manoel de Oliveira a partir de sua construção alegórica diretamente vinculada à relação entre passado e presente da história portuguesa (e mundial), lançando mão do uso de narrativas de viagens para isso. Para vislumbrarmos a ordenação do pensamento desse realizador, sugerimos a existência do grupo o qual denominamos *Filmes de viagem de Manoel de Oliveira*. Desse modo, nossos esforços orientam-se de maneira a analisar o *corpus* composto por *O sapato de cetim* (1985), *Non, ou a vã glória de mandar* (1990), *Viagem ao princípio do mundo* (1997), *Palavra e utopia* (2000), *Um filme falado* (2003) e *Cristóvão Colombo – o enigma* (2007).

Ao trabalharmos com os *Filmes de viagem de Manoel de Oliveira*, tomamos como norte a pressuposição de que o interesse de seu cinema consiste em problematizar a História, contribuindo, dessa maneira, com debates

¹ Universidade do Algarve, Faro, Portugal

políticos e sociais que permeiam reflexões que dizem respeito à Europa e ao mundo na contemporaneidade.

Está em causa a pertinência do Cinema como experiência de conhecimento; está em pauta desvelar um pensamento crítico que possa contribuir para intervenções em debates culturais, políticos e sociais, inclusive no que diz respeito a países do chamado Terceiro Mundo que têm em comum um passado colonial vinculado a Portugal.

A descentralização

À predominância da chamada civilização ocidental como usufruto de um panorama discursivo que relega à História efetiva dimensão eurocêntrica, diferentes autores interessados na questão da globalização passam a defender a perspectiva de um “multiculturalismo policêntrico” (Stam and Shohat 2006). No âmbito da modernidade e da pós-modernidade, quando os contatos entre diversas culturas, povos e nações intensificam-se, tal perspectiva torna-se mais complexa.

Vários aspectos relacionados a essas problemáticas estão presentes nas longas-metragens que compõem os *Filmes de Viagem de Manoel de Oliveira*. O texto fílmico do realizador, no caso, implica em uma cadeia polissêmica ambígua, a qual indica o questionamento da nação – em especial de Portugal – no âmbito de um contexto transnacional pautado a partir da inserção deste país na CEE, no ano de 1986², e que prossegue até pelo menos as consequências dos atentados às Torres Gêmeas do *World Trade Center* em 2001, nos EUA.

O sapato de cetim é uma adaptação da peça homônima de Paul Claudel. A narrativa, situada no século XVI, conta a história de dom Rodrigue, vice-rei espanhol da América do Sul, e dona Prouhèze, casada com um conselheiro do rei espanhol. Além do amor impossível, irrealizável fisicamente entre os protagonistas, o título aborda o momento da história em que Portugal encontrava-se sob o jugo do reino da Espanha, quando nações europeias divididas disputavam o domínio mundial.

² A Comunidade Econômica Europeia tornou-se União Europeia em 1992.

Non, ou a vã glória de mandar acompanha a viagem de um grupo de soldados portugueses, em direção a uma ex-colônia africana, para que possam guerrear defendendo os interesses dos colonizadores. A narrativa do filme se dá nos dias que antecedem a Revolução de 25 de abril de 1974, determinando o fim da ditadura salazarista/marcelista. O filme aborda passagens históricas que dizem respeito aos feitos portugueses para assumir uma posição de império mundial e às tentativas também frustradas de união entre Portugal e Espanha na Península Ibérica.

Viagem ao princípio do mundo conta a história de Afonso, um ator francês de descendência portuguesa, que deseja conhecer a terra natal de seu pai. Para isso ele conta com a ajuda de um grupo de amigos portugueses que aceitam conduzi-lo até o pequeno povoado onde vivera seu pai durante a infância e a juventude. Entre os seus acompanhantes está um diretor de cinema, de nome Manoel.

Palavra e utopia trata da vida e da obra de Padre António Vieira, que, ao longo do século XVII, dedicou-se à luta por melhores condições de sobrevivência para escravos índios e negros no Brasil, influenciou na política mercantil de Portugal e pregou famosos sermões para escravos, soldados, reis e rainhas. Sua história é marcada por conflitos com a Inquisição, a perda de sua voz como orador, a admiração e o sucesso obtidos em Roma, pelo desprezo em Portugal e a solidão no Brasil.

Um filme falado narra a viagem de navio realizada por mãe e filha portuguesas, de Lisboa em direção a Bombaim, na Índia, aonde devem encontrar com o pai da menina. Durante o trajeto, majoritariamente pelo Mar Mediterrâneo, Rosa Maria, uma professora de História, pode explicar à sua filha a relevância das cidades que vão conhecendo para a constituição das civilizações ocidentais e orientais. Outros personagens ganham importância ao longo do filme: uma empresária francesa, uma ex-modelo italiana, uma cantora grega e o comandante do navio, um estadunidense.

Cristóvão Colombo – o enigma conta a história de Manuel Luciano que, nascido em Portugal, vive e torna-se médico nos Estados Unidos, mas retorna à sua terra natal para casar-se e dar sequência à investigação que é tema de uma

pesquisa que ele empreende ao longo da vida: comprovar que Cristovão Colombo era português.

Sustentando o pressuposto de que há uma expressão alegórica nos *Filmes de viagem*, revelada em suas estratégias retóricas particulares, é possível empreendermos uma análise de discurso que considere os agentes narrativos como personificações de conceitos relacionados à história de Portugal. Para tanto, estão em pauta alegorias nacionais constituídas sobre indivíduos (os protagonistas dos filmes) e coletividades (os demais viajantes que estão relacionados à União Europeia e ao mundo).

Os personagens representam nações, no caso, associadas à dimensão de mundialização que, na obra oliveiriana, frequentemente remete à crítica ao eurocentrismo e à afirmação de uma perspectiva pertinente ao “multiculturalismo policêntrico”. A compreensão dos sentidos implicados nas alegorias históricas dentro dos *Filmes de viagem* é tomada como possibilidade que instiga a percepção de uma narrativa que se dá em âmbito globalizado, mas de acordo com as premissas de uma multiplicidade descentrada, considerando-se uma proposta de reestruturação das relações intercomunais, visando-se a descolonização das relações de poder contidas entre diferentes comunidades.

Senão vejamos, em *O sapato de cetim*, *Palavra e utopia* e *Cristovão Colombo – o enigma*, para além de Portugal, também está em pauta o contato entre os chamados Velho Mundo e Novo Mundo. Em suas retóricas encontramos a acusação direcionada aos reflexos das consequências de um pensamento consagrado pela via eurocêntrica – pensamento este que faz vítimas em nome das “mudanças históricas progressivas” (Shohat and Stam 2006). Vítimas religiosas, étnicas e históricas: para Portugal, personificado pelo protagonista dom Rodrigue, não restam opções a não ser seguir os desígnios da submissão e a entrega ao cristianismo como forma de redenção; Padre António Vieira, que volta-se à luta contra o trabalho escravo de índios e negros, finda sua jornada em quase completo abandono; Manuel Luciano, após uma vida dedicada à pesquisa concernente à nacionalidade de Colombo, não vê garantias de que sua busca logrará êxito finalmente. *Non, ou a vã glória de mandar* e *Viagem ao princípio do mundo* concentram as atenções no papel desempenhado

por Portugal no mundo contemporâneo (*Non* em menor medida, obviamente); e, ao fazerem isso, por contraste, sugerem os equívocos constantes em uma lógica planetária pautada pela cobiça, pela ambição e pela ânsia dos avanços modernizantes. Com *Um filme falado*, a modernidade-mundo encontra no navio do cruzeiro a alegoria perfeita de um constructo social que navega pela História com seus dilemas, preconceitos e impertinências – não à toa, as protagonistas, as personificações de Portugal são esquecidas, abandonadas, fadadas às consequências mais desastrosas de uma dinâmica que insiste em dividir os povos entre Ocidente e Oriente. Com seus *Filmes de viagem*, Oliveira endossa o célebre entendimento de Ella Shohat e Robert Stam:

[Para o eurocentrismo] a história segue uma trajetória linear que vai da Grécia clássica (construída como “pura”, “ocidental” e “democrática”) a Roma imperial e, em seguida, às capitais metropolitanas da Europa e dos Estados Unidos. O eurocentrismo encara a história, portanto, como uma seqüência de impérios: Pax Romana, Pax Hispânica, Pax Britannica, Pax Americana. De todo modo, a Europa é vista como o “motor” das mudanças históricas progressivas: lá inventaram a democracia, a sociedade de classes, o feudalismo, o capitalismo e a revolução industrial (Shohat e Stam 2006, 22).

Por este motivo, parece-nos pertinente afirmar que Manoel de Oliveira visa reler o passado histórico das civilizações, com ênfase na história portuguesa, para expressar as problemáticas existentes no mundo contemporâneo, lançando mão da alegoria histórica nos referidos filmes, cujos discursos relacionam-se com a crítica ao eurocentrismo.

O discurso

Observemos o trajeto percorrido pelo discurso de Manoel de Oliveira com os *Filmes de viagem*.

Com *O sapato de cetim* podemos notar “uma alegoria do fracasso das tentativas de erguer impérios seculares na Europa do primeiro século dos

Descobrimentos e uma demonstração das rivalidades que resultam destas tentativas” (Ferreira 2010, 125). Trata-se de uma reflexão acerca da história europeia – mas com um olhar definitivamente voltado ao contexto português – vinculada aos desejos de constituição de um império universal.

Non, ou a vã glória de mandar parte de um panorama histórico geral, apontando para diversos episódios em que Portugal fracassou no intuito de consolidar-se como império mundial, passando pelos traumas da batalha de Alcácer-Quibir (1578, dando origem ao mito do sebastianismo) até chegar à Revolução dos Cravos, pontuando a convocação para um novo começo, livre das amarras de uma expectativa que deposita todas as suas esperanças na vinda de um *salvador da pátria*.

Viagem ao princípio do mundo situa Portugal num contexto contemporâneo, lembrando os conflitos europeus do início da década de 1990, para, depois de passear por suas próprias memórias (dele, Oliveira), alertar sua nação acerca dos aspectos problemáticos de um povo amarrado às tradições e isolado das questões que permeiam as atualidades.

Retorna ao século XVII, em *Palavra e utopia*, para relatar a vida e a obra de António Vieira, entre suas idas e vindas de Portugal ao Brasil, confrontando a Inquisição, deixando um legado de sabedoria, enfrentando a solidão. Trata-se da alegoria de uma nação ora calada, ora sofrida, ora isolada, mas permanentemente viva e combatente, seja enfrentando os poderes da Igreja Católica, seja encarando um sistema europeu que minimiza a voz de Portugal.

Com *Um filme falado*, o percurso discursivo parte do princípio da civilização ocidental para marcar a posição de sua nação em um passado mitificado como glorioso, até chegar ao esquecimento e isolamento na configuração geopolítica globalizada do mundo atual.

Por fim, relembra os feitos e legados portugueses ao debater a nacionalidade de Cristovão Colombo em relação com o descobrimento da América; com isso, contrapondo o poderio contemporâneo ao poderio do passado: Estados Unidos e Portugal – *Cristóvão Colombo – o enigma*.

A rota de seu discurso parte dos feitos mais distantes de Portugal, livra-se do incômodo maior – a crença e dependência do sebastianismo, decorrente,

em grande medida, do jugo imposto pelos espanhóis –, convoca o espectador a uma reflexão, ao instigá-lo a seguir adiante com suas lutas e embates após a Revolução de 1974; volta a salientar os perigos de um tradicionalismo arcaico distanciado dos avanços e relacionamentos contemporâneos; convoca a *palavra* (carregada de esperança, de utopia) como ferramenta fundamental na luta contra o isolamento que parece condenar Portugal; relembra que Ocidente e Oriente são percepções pautadas por interesses políticos e ideológicos (do passado e do presente), para denunciar a complexa relação de Portugal com a Europa hoje; e, por fim, sublinha que muitos feitos de sua nação estão no passado, na imagem sacralizada dos tempos imperiais, mas que não devem, por isso, ser desdenhados – eles podem ser evocados como reflexões críticas acerca do seu contexto atual.

Neste âmbito, ganha destaque a figura da viagem e o fato de seus protagonistas, ao partirem de Portugal para destinos diversos, constituírem menções aos feitos alcançados por Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, Fernão de Magalhães, Cristovão Colombo e Fernão Mendes Pinto entre os séculos XV e XVI.

Podemos, assim, verificar como o trabalho de Oliveira é capaz de se relacionar com questões imediatamente ligadas aos contextos político, histórico e social do mundo hoje, sem desprezar aspectos mais pontuais como, por exemplo, o da língua portuguesa no âmbito contemporâneo – pois, os *Filmes de viagem* também problematizam a tradução das línguas: suas imposições e submissões como símbolos de identidades coletivas, como delimitadoras de diferenças nacionais e culturais ou inferindo sobre escalas de poder – o idioma, nesses casos, está diretamente associado à noção de identidade nacional dos protagonistas.

Em *O Sapato de cetim*, por exemplo, filme falado em francês, mas cuja narrativa da história está situada em um contexto de guerras espanholas, sotaques e expressões servem para confirmar ou desautorizar pertencimentos a países, regiões ou estratos sociais. *Non, ou a vã glória de mandar* aproveita o uso de cantos, gírias e poemas como forma de afirmação identitária tanto dos soldados portugueses como de seus antepassados. *Viagem ao princípio do*

mundo, ao colocar frente a frente o sobrinho francês e sua tia portuguesa, personagens que têm sua comunicação dificultada por um não entender a língua do outro, problematiza a questão da descendência tanto pela lógica da senhora (pois “ele não fala a nossa fala”, como diz ela), como pela lógica do sobrinho, que afirma seu vínculo de parentesco mesmo falando outro idioma. *Palavra e utopia* faz menção a várias línguas, desde as indígenas, passando pelo italiano, até o português arcaico – no caso, seria possível afirmarmos que o padre afirma sua identidade com a expressão do idioma português como forma de catequização e expansão dos propósitos cristãos. A existência de línguas diversas é fundamental para o sentido alegórico de *Um filme falado*; nele, ganham relevância as sequências relacionadas aos jantares que ocorrem no navio do cruzeiro: no primeiro, há a presença de uma grega, uma italiana, uma francesa e um estadunidense. Na ocasião, todos falam em seu idioma materno e há um perfeito entendimento. Porém, no segundo jantar, quando as portuguesas são convidadas para se reunirem ao grupo, a situação se modifica: a conversa precisa ocorrer por meio de um idioma que seja falado e compreendido por todos, o inglês. *Cristóvão Colombo – o enigma* lança mão do português e do inglês como idiomas de seus personagens. A presença dessas duas línguas serve para contrapor feitos, legados e identidades nacionais do passado e do presente – serve para contrastar Portugal e Estados Unidos.

Conclusão

Manoel de Oliveira, de fato, é um realizador interessado pelas questões políticas, sociais, históricas e culturais da contemporaneidade. Suas questões recorrentemente estão atreladas às concepções das nações em contextos internacionais, como comprovam alguns episódios que constituem a história de Portugal e que se fazem presentes nos *Filmes de Viagem*.

O sapato de cetim: a dedicação ao primeiro século de expansão após os Descobrimentos (século XVI), produzido uma década após o fim do império português (1974), mas apenas um ano antes de Portugal entrar na Comunidade Europeia (1986); a identidade portuguesa, no contexto de submissão à Espanha, não corresponde mais à imagem sacralizada dos tempos imperiais; Portugal é

retratado como uma nação subjugada que não participa das aspirações mundanas e imperialistas dos outros países europeus.

Non, ou a vã glória de mandar: os motivos das guerras coloniais em África colocados em xeque pelos soldados que seguem viagem; os legados deixados por Portugal à humanidade a partir de suas grandes navegações, como a chegada ao chamado Novo Mundo; a morte da personificação de uma memória voltada à sacralização da nação portuguesa no passado (alferes Cabrita); a associação da batalha de Álcacer-Quibir e a Revolução dos Cravos como eixos que sugerem, respectivamente, a submissão e a redenção do país perante seus fracassos.

Viagem ao princípio do mundo: a travessia do país em direção ao “princípio do mundo”, colocando Portugal como o início de uma ideia de Europa, mas também como país que, hoje, agoniza perante o continente; a contraposição entre tradição e modernidade como modos de superar os conflitos continentais; a visita às memórias de um de seus protagonistas (o cineasta Manoel) sugerindo que, tal como a juventude, as glórias passadas de seu país não podem mais ser alcançadas.

Palavra e utopia: a vida e a obra de António Vieira como exemplos de resistência a um contexto de mundo globalizado, de injustiças, e sacrificador dos mais fracos, que tenta calar a voz de seu país; o uso da palavra carregada de utopia, por meio dos sermões do padre, sugerindo um legado de lutas humanitárias perante uma Europa indiferente a Portugal.

Um filme falado: a complicada entrada de Portugal na União Europeia – vejamos a sequência que se desenrola à mesa de jantar no navio, quando todos, obrigatoriamente, passam a conversar em inglês; a ideia de um controle mundial exercido pelos Estados Unidos; as tensões entre o Ocidente e o Oriente, decorrentes de interesses econômicos associados a divergências religiosas.

Cristóvão Colombo – o enigma: o objetivo último de seus protagonistas (comprovar que Colombo era português) indicando o desejo de reafirmar Portugal como o “descobridor” de todos os continentes do mundo; a figura de Colombo como fundador da América do Norte conotando as implicações da

nação portuguesa como precursora do princípio de um poderio contemporâneo – os Estados Unidos.

Nos *Filmes de viagem de Manoel de Oliveira* estão em xeque tanto a perspectiva de uma teleologia histórica como a noção de progresso como resposta às contradições entre desenvolvidos e subdesenvolvidos em âmbitos mundial e europeu. A alegoria histórica, nesse *corpus*, remete a um passado imperial de Portugal e chega a um contexto atual de incertezas quanto aos rumos de uma nação que se constituiu, miticamente em grande parte, a partir das viagens, das conquistas marítimas. Se com o Tratado de Tordesilhas (1494) Portugal chega a dividir com a Espanha o chamado Novo Mundo, hoje, em um contexto de globalização, mais precisamente no âmbito da criação e posterior crise da União Europeia, seu papel passa a ser outro, constituindo-se a nação portuguesa enquanto uma “comunidade imaginada” (Anderson 2008) a partir de parâmetros bem distintos daqueles do seu passado imperialista e colonialista.

BIBLIOGRAFIA

- Anderson, Benedict. 2008. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem*. Lisboa: Edições 70.
- Appadurai, Arjun. 1999. “Disjunção e diferença na economia cultural global” In *Cultura global*, organizado por Mike Featherstone, 3ª. ed. Petrópolis: Vozes.
- Bauman, Zygmunt. 1998. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bosi, Alfredo. 1992. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ferreira, Carolin Overhoff. 2010. “Os descobrimentos do paradoxo: a expansão europeia nos filmes de Manoel de Oliveira” In *Manoel de Oliveira: uma presença: estudos de literatura e cinema*, organizado por Renata Soares Junqueira. São Paulo: Perspectiva: Fapesp.
- Ferreira, Carolin Overhoff, org. 2012. *Manoel de Oliveira: novas perspectivas sobre a sua obra*. São Paulo: Editora Fap-Unifesp.
- Gil, José. 2007. *Portugal, hoje: o medo de existir*. Lisboa: Relógio D’Água, 11º ed..
- Harvey, David. 2005. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola.

- Hansen, João Adolfo. 2006. *Alegoria – construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Hedra; Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Hobsbawm, Eric. 1995. *Era dos extremos*. Traduzido do inglês por Marcos Satarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2º ed..
- Ianni, Octavio. 2000a. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- . 2000b. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Jameson, Fredric. 2006. *Pós-modernismo – a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática.
- Junqueira, Renata Soares, org. 2010. *Manoel de Oliveira: uma presença: estudos de literatura e cinema*. São Paulo: Perspectiva: Fapesp.
- Kothe, Flávio. 1986. *A alegoria*. São Paulo: Editora Ática S.A..
- Lourenço, Eduardo. 1982. *O labirinto da saudade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2º edição.
- Lourenço, Eduardo. 2005. *A Europa desencantada – para uma mitologia europeia*. Lisboa: Gradiva, 2º edição.
- Machado, Alvaro, org. 2005. *Manoel de Oliveira*. São Paulo, Cosac Naify.
- Marques, Antonio Henrique Rodrigo de Oliveira, coord. 1987-2004. *Nova história de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 10º vol.
- Mattoso, José, dir. 2001. *História de Portugal. Oitavo volume: Portugal em Transe (1974-1985)*. Lisboa: editorial estampa.
- Ortiz, Renato. 1994. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- Pianco-Dos-Santos, Wiliam. 2011. “A Alegoria Histórica em Manoel de Oliveira: Um filme falado”. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos (Brasil) / Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som.
- Pianco, Wiliam. 2013. “A presença da invisibilidade em Alice, de Marco Martins”. In *Geração Invisível – os novos cineastas portugueses*, organizado por Ana Catarina Pereira e Tito Cardoso e Cunha. Covilhã: Livros LabCom. Acedido em 10 de março de 2014. <http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/100>.

- Ramos, Fernão. 2005. *Teoria contemporânea do cinema*. São Paulo: SENAC, (Vol. I).
- Ribeiro, Maria Manuela Tavares, coord. 2010. *Imaginar a Europa*. Coimbra: Edições Almedina.
- . 2010. *2009: (Re) pensar a Europa*. Coimbra: Edições Almedina.
- Said, Edward. 2007. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Traduzido por Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras.
- Santos, Boaventura de Sousa, org. 2003. *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Santos, Milton, (org.). 1994. *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec/Anpur.
- Shohat, Ella, e Robert Stam. 2006. *Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação*. São Paulo: Cosac & Naify.
- Xavier, Ismail. 2005. "A alegoria histórica" In *Teoria Contemporânea do Cinema*, organizado por Fernão Ramos. São Paulo: SENAC, (Vol. I).